



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjf.com

AO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MUSEU NACIONAL – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
EDITAL Nº 381 - CONCURSO DE SELEÇÃO DE MESTRADO 2021
COMISSÃO DE SELEÇÃO MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Presidente: Adriana Facina Gurgel Do Amaral

Membro: Bruna Franchetto e John Cunha Comerford

Suplente: Adriana De Resende Barreto Vianna

**TEKOHÁ JEVY, A TERRA ESTÁ DE VOLTA & OCUPAÇÃO MBYA E
NHANDEVA/PARATY/RJ**

Resumo: A presente proposta de pesquisa analisa o conflito epistêmicos das comunidades indígenas, Mbya e Nhandeva, de violência colonial e a luta pela demarcação do território no Município de Paraty, Maricá e Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro. Os problemas advindos de estudo antropológico já demarcado, aguardando a consolidação; A posse do território, latifúndio e o discurso de ódio, desfilado por empresários, moradores, prefeitura de Paraty, aos indígenas Pataxó e Guaranis. A participação popular em contraposição ao discurso de Juruá, homem branco, através da aliança entre os indígenas, quilombolas e o fórum das comunidades tradicionais, de Paraty, Angra e Maricá.

Palavras Chave: Epistemologia, Demarcação, Decolonialidade, Oralidade, Cidadania.

RIO DE JANEIRO

2021



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjf.com

MEMORIAL E TRAJETORIA ESCOLAR

A minha trajetória escolar, começou na escola pública, na Escola Bahia, no Complexo da Maré, onde estudei até a sétima série, antigo primeiro Grau. Em função de meu pai por ser marinheiro, fui morar no Rio Grande do Norte, na cidade de Natal. Depois, em função da aposentadoria de meu pai, fui morar no Estado de Pernambuco, sem contudo, estudar em escola regular, a não ser fazer alguns cursos de capacitação. Isso me prejudicou muito, pois ao retornar ao Rio de Janeiro em 1982, local onde nasci, percebi que faltava escolaridade para ingressar no mundo do trabalho, e arrumar um bom emprego. No Rio, comecei a militância no movimento comunitário em Defesa das Comunidades do Complexo da Maré. Depois, ingressei no movimento de Juventude na JT, Juventude Trabalhista do PDT e no Movimento Estudantil. Em 1985, fiz o Supletivo do Segundo Grau, no Instituto Daltro, que em parte me ajudou na obtenção do meu primeiro emprego na Autarquia FUNDO RIO/PCRJ da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, na função de Agente de Administração. Em 02/03/21, me aposentei na mesma função, na Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos. Nos anos de 2001 à 2002, passei a Estudar Teatro, na Escola Técnica de Formação de Ator, no Colégio Cidade, sem contudo se formar. Depois, ingressei na UniverCidade da Cidade, onde cursei algumas matérias de Administração de Empresas, mas desisti do curso. Depois mudei de curso, e passei a a Estudar Direito. Como a instituição passou por crise financeira, fiz transferência assistida para UVA, Universidade Veiga de Almeida, onde me formei em 2015. Formado, tive dificuldade na comprovação para Colação de Grau, uma vez que eu não tinha a publicação em DO, da minha formação do segundo Grau, pois o Instituto Daltro foi extinto. Isso me levou a estudar para o ENEM, para ver se eu Conseguia a aprovação no exame, e assim poder colar Grau. Em 2016, consegui a Declaração Parcial de Proficiência pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia na realização do ENEM/2015. Em 2018, fui aprovado no ENSEJA, conseguindo resolver a pendência do Segundo Grau junto a Instituição Veiga de Almeida. No ano de 2018, fui aprovado para estudar graduação na UFV, em Licenciatura e Educação do Campo, onde cursei só um semestre. Depois, cursei a Pós-graduação Lato Sensu na Fundação Educacional de Duque de Caxias, em Ciências Sociais e Religião em 2015 e Direito Ambiental em 2016. Também estudei Pós Graduação Lato Sensu em Docência de Ensino Superior 2016 e Comunicação Empresarial 2017 na AVM Educacional, não concluindo trabalho monográfico. Em 2021, passei para Geografia em primeira chamada, para o ingresso no curso de Geografia, Bacharelado e Licenciatura, para o segundo semestre em 2021, estou candidato ao Mestrado em Antropologia Social pelo Museu Nacional, após receber carta de aceite do professor Edmundo Marcelo Mendes Pereira, onde pretendo apresentar a proposta de pesquisa: Tekohá Jevy, a Terra Está de Volta & Ocupação Guarani Mbya e Nhandeva/Paraty/RJ.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmm-ufrrj.com

ATUAÇÃO JUNTO A COMUNIDADE INDÍGENA

A minha militância em movimento de Associação de Moradores, Movimento de Juventude, de Trabalhadores da Área do SUAS, na ABI, Associação Brasileira de Imprensa, onde fui conselheiro, ASFUNRIO/Associação dos Servidores da SMASDH, e na AULA, Associação Universitária Latino Americana, me fez crescer a minha identidade potiguara, adormecida, pois sou filho de mãe potiguara. Em 2014, com contato com os meus parentes, Eliane Potiguara, Sergio Ricardo Verde, Potiguara, e a pedido deles, comecei a participar da Ocupação Aldeia Maracanã, no ano de 2016. Militando com outras etnias indígenas na retomada no antigo Museu do Índio, como Purís, Guaranis, Guajajara, Pataxó, Tucano entre outros. Fomos estabelecendo laços cada vez maior, em defesa da causa indígena, e meu lado indígena foi cada vez mais aflorando. Da convivência e militância quase diária. Conheci os indígenas em MG, através da Troca de Saberes na UFV, onde todo anos são realizados encontros de saberes ancestrais e de agroecologia, onde nos últimos cinco anos, tenho participado ativamente. Da militância da causa indígena, na busca por uma atuação proativa, surgiu a ideia na Aldeia Maracanã, de articularmos um Conselho de Defesa dos Direitos da Causa Indígena no Rio. Foram varias reuniões, participação em assembleias, visitas as aldeias em Maricá, Angra e Parati, com nossos parentes Pataxó e Guaranis, que conseguimos consolidar o CEDIND/Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Estado do Rio de Janeiro, onde estou conselheiro e Coordenador da Comissão de Comunicação. Da visita e diálogos com os nossos parentes, passei a filmar, escrever, divulgar em mídias sociais a luta dos povos indígenas. No Facebook, criamos a página: Amigos da Aldeia Maracanã, onde divulgamos nossa luta diária em defesa dos povos indígenas. No site www.aula.org.br, onde estou presidente, passamos a colocar textos e outros documentos importantes da minha trajetória política e atuação acadêmica. No youtube, criamos o canal, asfunrioaula, onde postamos entrevistas, encontros sociais, palestras, da nossa atuação nos movimentos sociais e na causa indígena. Com relação a atuação da minha etnia potiguara, e em função de estar atuando no Rio. Tenho participado com a Eliane Potiguara e outros militantes, do resgate da luta, conquista da causa indígena dos nossos parentes Rio. Com a oportunidade da convivência e luta de outros parentes indígenas, como os guaranis. Passei a conhecer a problemática da questão da terra, a luta pela posse e consolidação da demarcação. Em diálogo com o Pajé/cacique acende fogo, (101) anos, Aljunstio da Silva, da Aldeia Araponga em Paraty, na Casa de Reza, ele me disse que nós precisávamos contar para os brancos, a luta dos guaranis e se eu podia escrever. Desse bate papo escrevi: Não Sou Índio, Sou Guarani, que enviei o artigo para o 3º CIPAL/ Congresso Internacional Povos Indígenas da América Latina, que para minha surpresa, o texto foi recepcionado nos anais do congresso. Depois disso, voltei e conversamos sobre o trabalho para o programa pós-graduação, Lato Sensu, em Direito Ambiental, na FEUDUC, Duque de Caxias, onde a monografia foi aprovado em trabalho de Especialização. O texto construído com diálogo com os guaranis, aborda a relação dos parentes indígenas guaranis; A dificuldade da Livre Circulação do Povo Guarani e animais como a “Onça” no território de Juruá. O texto também faz uma reflexão de



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufRJ.com

mundos opostos: O de Nhanderú, que não delimita cerca e permite a livre circulação de homens e animais no universo de Juruá. Como disse o falecido Cacique Miguel Benites: “Antes caminhávamos por esse vasto território e não tínhamos problema com Juruá, com suas cercas e arames farpados, para impedir a livre circulação de homens e animais, nesta vastidão de terras e florestas. Hoje não podemos mais andar, pois somos confundidos como bandidos, é muito perigoso sair pela mata”, resumiu em reunião realizada em Araponga. Daí em diante, participei de uma série de encontros de pós-graduação em diversas universidades, sobre o tema: "Não Sou Índio, Sou Guarani", que no presente, já recebi convites para publicar em revistas científicas e em Livro. Depois resolvi escrever um artigo sobre A Educação Indígena no Caminho da Onça & Resistência ao Etnocídio de Estado, traçando um panorama da Educação Indígena no Estado do Rio de Janeiro. A partir da Resistência ao Etnocídio de Estado, perpetuados ao longo dos anos dos povos originários que vivem em aldeamentos no Rio, em particular, aos povos Guaranis que vivem em Angra dos Reis, Parati e Marica, Aldeias: Mata Verde BONITA-MARICÁ/Tekoa Ka' AguyOvy Porã; Ka'aguyHovy Porã; São José do Imbassai/Ká aguy Hovy Porã; Guarani Mbya, Araponga/Tekoá Guyraitapu Pygua; Guarani Nhandeva, Rio Pequeno; Guarani Mbya Tekoaltaxi Mirim; e Aldeia Pataxó, KãñãPataxiÛi Tanara.

ADEQUAÇÃO DA TRAJETÓRIA DO CANDIDATO À REALIZAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO PPGAS/MN/UFRJ

Na presente trajetória como candidato ao Mestrado PPGAS/MN/UFRJ, venho trilhando um caminho de estudos sobre a filosofia indígena na contemporaneidade, onde o protagonismo está na escuta ativa, oralidade e pragmatismo dos povos indígenas em fazer e contar sua própria história. Na adequação à Antropologia social, analisaremos o comportamento da sociedade local, a começar, pela comunidade de Paraty, os movimentos sócias, as relações sócias, políticas e institucionais com as comunidades ribeirinhas e local.

ADEQUAÇÃO DAS INTENÇÕES DO CANDIDATO À REALIZAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO

Pretendo com os conhecimentos adquiridos no Mestrado PPGAS/MN/UFRJ, buscar as ferramentas necessárias ao estudo da antropologia, os impactos sócias, cosmológicos, epistêmicos em contraposição à propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder. Vivemos sobre o apagamento do saber popular, e das experiências dos povos originários. Para o branco, os povos originários não tem saber, pois o seu conhecimento não é científico. Como demonstra os estudos decolônias, o privilégio epistêmico impetrado por homens ocidentais que desqualificam e apagam os saberes



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufrrj.com

produzidos por pessoas não europeias, em especial, mulheres indígenas, povo negro, população lgbt, é o resultado da diferença de saber imposta pela colonialidade (Grosfoguel., 2016; Guijano, 2013, que entendia aqui como o prosseguimento das relações complexas de exploração e dominação que enredam desde a economia, relações sexuais de gênero, hierarquia étnico-racial, instituições públicas, políticas de conhecimentos que os estados, agora, independentes, seguem produzindo globalmente.

IDEIAS PRELIMITARES DA PESQUISA DESENVOLVIDA

O presente trabalho, Tekohá Jevy, a Terra Está de Volta & Ocupação Guarani Mbya e Nhandeva/Paraty/RJ. Busca-se aprofundar o estudo antropológico da Aldeia Guarani em Rio Pequeno, através de estudo já realizado e publicado em DO em abril de 2017, através do processo n. 08620.047112/2014-41; Do relatório Circunstanciado da Antropóloga, Celeste Ciccarone, que produziu um brilhante estudo da Terra Tekphá Jevy, área de 2.370 hectares e perímetro aproximadamente de 27 quilômetros localizada em Paraty, Estado do Rio de Janeiro. O Sr. Demécio, Cacique da Aldeia Rio Pequeno, em vista no dia, 28/06/29, disse na reunião do CEDIND, em assembleia descentralizada, com a visita de indígenas tanto de Contexto Urbano e de Aldeamento, que os principais problemas vividos hoje na aldeia pelos Guaranis em Rio Pequeno são a seu ver, é a Demora da Demarcação da Terra Junto a Funai. Segundo ele: “A demarcação já foi aprovado pela FUNAI e está em andamento apesar da demora e solução. Além disso temos um problema político a resolver: Os moradores daqui de Rio Pequeno e a prefeitura de Paraty, se posicionam contra a legalidade da reivindicação dos guaranis. Entendemos que com a demarcação de nossa terra, poderemos melhorar a nossa escola, o posto de saúde e fazermos muita coisa. Com o apoio do governo e da FUNAI, a continuidade do acordo realizado conosco em processo que já tem estudo e aprovação para esse propósito. Esperamos também que se materialize a indenização aos moradores em nosso território, coisa que ainda não ocorreu. Quando começaram os estudos da demarcação de nosso território, existiam quatro casas. Mas agora, com a possibilidade de acontecer a demarcação, já passam de cinquenta moradias. Nós contamos com a FUNAI e não sabemos como resolver esse problema. Tem outras aldeias que já resolveram seus problemas, mas aqui não. Sabemos que um pedaço de terra é muito importante para qualquer pessoa viver. Porém, também entendemos que é também um direito nosso criarmos melhorias na nossa aldeia. Com a legalidade e parceria com os órgãos do governo, vamos poder plantar e criar melhorias na casa de reza, no posto de saúde, na escola e isso é nosso direito. E neste sentido eu preciso que Juruá prossiga com a demarcação da terra para nossa comunidade estar tranquila”.

Segundo Celeste Ciccarone, no seu estudo apresentado em estudo de homologação e aguardando consolidação? [...] O território guarani se estende na região compreendida entre os rios Paraná e Paraguai, na província de Misiones na Argentina, no noroeste boliviano e sudeste do Uruguai, na região oriental do Paraguai, no Mato Grosso do Sul



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjr.com

e do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. Às vésperas da invasão europeia, o contingente populacional totalizava cerca de 1,5 milhões de pessoas ou mais. A ocupação territorial era caracterizada pelas movimentações entre aldeias (tekoha) que constituíam unidades familiares político-sociais, articuladas em conjuntos territoriais como grandes unidades linguísticas e culturais. Famílias extensas, sob a liderança política e espiritual do avô e/ou avó, se assentavam nas proximidades de cursos d'água e onde se reuniam as condições geográficas, ecológicas e estratégicas necessárias para exercer seu modo de ser, definido pelas normas de conduta, pautadas em sua sociocosmologia. Os espaços das famílias extensas eram separados por uma área de exploração comum, percorridos por rede fluvial e trilhas, viabilizando relações de parentesco e comunitárias, por meio da circulação de pessoas segundo a lógica guarani da andança. A criação de novas famílias extensas, mortes, conflitos, altos crescimentos demográficos, limitação de áreas para plantio, calamidades naturais e pressão de grupos vizinhos desestabilizando os centros habitacionais, junto ao domínio colonial, foram responsáveis pela intensificação das atividades rituais de caráter salvacionista desencadeando processos migratórios e traslados, como negação e transformação da ordem colonial, e de afirmação identitária e liberdade de movimento. Após a Guerra do Paraguai se intensificaram as movimentações de retomada dos antigos lugares e ocupação de espaços para fundação de aldeias e manutenção do modo de vida guarani. Incorporando os espaços ocupados pelas redes de reciprocidade e parentesco entre aldeias dispersas e distribuídas nos complexos regionais, os Guarani salvaguardaram a configuração de seu território originário. No século XX, critérios linguísticos, culturais e parâmetros espaciais diferenciaram os grupos Guarani no Brasil, sendo três principais: Nhandéva, Kaiowa e Mbya. Nhandéva (nossa gente, os que nós somos) é autodenominação inclusiva dos diferentes grupos guarani. A língua materna constitui um fundamento indenítário, pois as pessoas são construídas socialmente por meio de suas palavras, e a oratória é salvaguardada como técnica importante de transmissão de conhecimentos. Em grande maioria, os grupos Guarani são bilíngues e dominam a língua oficial dos Estados nacionais onde vivem. O povo Guarani compõe a maior população indígena do país, habitando vários estados da federação. As áreas ocupadas separadamente e conjuntamente pelos Kaiowa e Nhandéva no Mato Grosso do Sul têm sido alvos históricos de expropriação e esbulho, desencadeado pelos projetos de colonização, com implantação de latifúndios e atualmente pela pressão do agronegócio. Os Mbya e os Nhandéva ocupam áreas de Mata Atlântica, sendo este bioma indispensável para a manutenção de seu modo de vida e para a conservação da configuração do território ocupado pelos seus antepassados. Os grupos Guarani vivem espaços separados ou em uma mesma aldeia, sendo as relações definidas por fatores vinculados às normas da organização social, aos casamentos e às alianças políticas. As redes de relações entre as aldeias são reguladas por dinâmicas sociais, políticas e econômicas, destacando-se as redes de parentesco, constituindo um território interligado como "terra de parentes". Os tekoha guasu representam "territórios-memória", ou "regiões-memória", desapropriadas e desmatadas pelas frentes coloniais e reivindicações pelos Guarani como espaços antigos, exclusivos das famílias extensas.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufRJ.com

Incorporam áreas de caça, pesca e coleta, articuladas com espaços inclusivos (sítios, fazendas e cidades) e salvaguardam as alianças matrimoniais e políticas, necessárias para a construção do sentimento comunitário e intercomunitário de pertencimento a um local específico. Os tekoha comportam a articulação entre famílias extensas ligadas a lugares específicos, sendo que a interrupção da continuidade da ocupação tradicional pode provocar a exaltação da noção de origem antiga e a produção de um efeito circulação, com movimentações ao redor e nas proximidades dos lugares dos antepassados. O tekoha constitui uma unidade política, religiosa e territorial, definida pelas características materiais e imateriais de acessibilidade ao espaço geográfico por parte das famílias que a ele pertencem.

[...] A caminhada deste grupo familiar Mbya que deu origem a várias aldeias ao longo do litoral sudeste do Brasil, tendo ocupado o litoral sul fluminense, no Município de Paraty, em 1958. Este grupo se juntou à outros, que vinham em migração desde as aldeias guarani existentes nas TIs Rio das Cobras (PR) e Rio Branco (SP). As famílias foram convidadas a residir no lugar conhecido como o "morro da hortinha", por um não indígena que trabalhava na antiga Fazenda Graúna, para proteger e assegurar a posse de particulares sobre o local. A aldeia recebeu também famílias provenientes de Parati Mirim chegando a seis núcleo, e somando cerca de 40 pessoas.

[...] A TI Tekoha Jevy está situada na Sub-bacia do Rio Pequeno, no Município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro, distante 22 km do núcleo urbano da cidade. A expressão "tekoha jevy" significa "a terra que está de volta", expressando a relação entre famílias extensas e lugares bem precisos aos quais são ligadas historicamente. A área em estudo tem sido ocupada por grupos familiares guarani nãndeva e mbya, de forma separada e conjunta, de forma exclusiva, por descendência, e de forma inclusiva por alianças. Trata-se de uma ocupação permanente, integrante da concepção de território guarani que compreende os espaços temporariamente desocupados e está articulada com outras aldeias e com a totalidade do território histórico. O tekoha, como espaço habitado, comporta de forma consorciada, áreas de caça, de pesca, de coleta, de moradia, de roça, trilhas, locais de perambulação e locais sagrados ou "intocados", tendo como eixo cada unidade habitacional. Como unidade política, religiosa e territorial, é definido pelas características materiais e imateriais de acessibilidade ao espaço geográfico por parte das famílias que a ele pertencem, não se tratando de uma categoria estática e atemporal. A área da Sub-bacia do Rio Pequeno está vinculada às condições históricas de acesso a esta localidade que constitui em si parte do território tradicional guarani. As ocupações não indígenas incidentes na área se intensificaram a partir do final da década de 1960, culminando com a expulsão das famílias Mbya e forçando os Nhandéva a se submeterem ao confinamento, com restrição de acesso a locais que dispunham dos recursos naturais utilizados para o grupo. A Sub-bacia do Rio Pequeno tem importância central na ocupação espacial pelos os indígenas, sendo os cursos de água associados ao local de assentamento das famílias. A diferenciação dos indígenas entre o "caminho do rio" e o "caminho do fazendeiro" emerge como marcador étnico contrastivo do pertencimento dos indígenas aos cursos de água. A área das



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufRJ.com

moradias próximas da mata é cercada por ocupações incidentes que confinam os Nhandéva em espaço reduzido e desfavoráveis aos seus cultivos agrícolas. Os ambientes propícios para a agricultura na TI são a planície com solo fértil, próximas ao local de moradia e cultivo da antiga aldeia, sendo as áreas com recuperação da cobertura vegetal manejada em sistema agroflorestal próprio dos indígenas. A continuidade da habitação da TI comporta ainda as trilhas percorridas pelos indígenas, conhecidas como "caminho dos índios" e a casa de pedra, a formação rochosa situada próxima as nascentes da margem direita do Rio Pequeno, considerado um marco da presença dos antepassados. Em 2015, a população guarani do Tekoha Jevy totalizava 32 indígenas, distribuídos em seis núcleos familiares. O total da população residente na TI é sempre aproximado em função das oscilações decorrentes da mobilidade de parentes entre as aldeias na região.

[...] Os grupos domésticos que compõem a família extensa constituem unidades de produção, distribuição e consumo, na apropriação, uso e manejo dos espaços, nas atividades rituais que renovam o calendário ecológico e econômico e nos intercâmbios com as outras aldeias. As famílias nucleares têm relativa autonomia em relação à sua produção, cooperando no trabalho na roça familiar e nas roças comunitárias nas atividades extrativas e, quando ocorre, no trabalho para brancos, onde há troca, distribuição e redistribuição dos bens produzidos. O calendário produtivo respeitando o ciclo da lua e da reprodução das espécies é dividido em duas estações: o verão, tempo das chuvas e o inverno, tempo seco. A agricultura é a principal atividade responsável pelo fornecimento de alimentos, a manutenção de vínculos sociais, a definição do calendário anual. Entre os ritos agrícolas, o Ñemongarai é a principal cerimônia de batismo das crianças e das sementes da tradição guarani, com destaque para o milho verdadeiro, de importância central na vida dos indígenas. A autossuficiência de um tekoha para a manutenção das sementes dos cultivos tradicionais se realizam através dos intercâmbios entre as aldeias. As unidades domésticas procuram fazer suas roças nas proximidades das casas. A preparação da terra e plantio de sementes são atividades masculinas e o cultivo de raízes e a colheita, atividades a cargo das mulheres. A preparação da terra para os cultivos ocorre no tempo seco com a lua minguante e o verão é época da colheita de cultivares de ciclo curto. Raízes de ciclos mais longos são colhidas e replantadas durante todo o ano. As famílias realizam plantios consorciados e aproveitam intensivamente os locais mais acessíveis buscando manter o sistema de coivara e investindo na recuperação do solo através do plantio de árvores frutíferas. O milho tradicional deve ser plantado junto a outras espécies tradicionais, e com a escassez de áreas propícias para o plantio, os Nhandéva enfrentam dificuldades para manutenção e a produção dos alimentos sagrados. A produção agrícola atual complementada pela proteína animal não garante a segurança alimentar do grupo familiar, levando a um maior consumo de produtos industrializados e dependência de recursos financeiros para obtê-los, afetando a organização social e a saúde dos indivíduos. Outros agravos são constituídos pelo uso de herbicidas nos pastos que contaminam a água que irriga as plantações e é de uso cotidiano da comunidade. Para os Guarani, há um continuum entre os domínios humanos e não humanos como campo



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufrrj.com

de interações reguladas por normas de conduta com os donos/guardiões das espécies, voltadas a manter a ordem do mundo terreno.

[...] Os Nhandéva aproveitam as palmeiras para finalidades alimentares, terapêuticas, para a construção das casas e para artefatos. O mel de abelha-jataí é um dos alimentos preferidos dos líderes espirituais e recurso de grande valor ritual, terapêutico e alimentar. O mel dessas abelhas é produzido também em enxames cultivados em caixas de madeira. As propriedades terapêuticas das plantas medicinais são tidas como dádivas divinas para que os Guarani possam se defender das doenças decorrentes da vida na terra. Os mais idosos são os principais guardiões da farmacopeia indígena, cujos saberes e fazeres denominam de "remédios antigos". Entre as plantas utilizadas com finalidade preventivas, destaca-se a erva-mate, cujo uso em infusão é cotidiano.

OBJETIVOS:

Objetivo Geral: Identificar os principais problemas que impedem a consolidação da demarcação, que já foram objeto de estudo, e que espera a sua materialização, a Tekohá Jevy, a Terra Está de Volta & Ocupação Guarani Mbya e Nhandeva/Paraty/RJ.

Objetivo Específicos: Compreender as disputas políticas e simbólicas presentes, no cotidiano das lutas entre os guaranis, a comunidade de Paraty, Caiçara e Prefeitura de Paraty; Identificar os saberes que rompem com a colonialidade, alianças epistêmica, de quilombolas, ribeirinhos, indígenas, a poder dominante; Analisar os estudos antropológicos já produzidos e ainda sem eficácia; Porque o território sofre tanta resistência e discurso de ódio, e intolerância por parte do comercio e elite local.

Justificativa: A presente justificativa parte da intenção de rescindir as histórias, e representações, deturpações locais, que evidenciam a invasão de terras por parte do homem branco, que insistem em expulsar os indígenas do território, desencadeados pelos regimes epistemológicos, que justificam a invasão e roubo das suas terras; o assassinato, a assimilação da população originaria, ao discurso de integração. São esses discursos preconceituosos que que institucionalizam o outro como atrasado, podendo serem mortos em seu território sagrado.

Metodologia: Para esse estudo, usaremos como fonte de pesquisa, o estudo qualitativo, quantitativo, indutivo, e/outros. E para estruturar o corpus teórico da pesquisa, utilizaremos a análise temática de conteúdo que desdobra-se nas etapas: pré-análises, exploração do material ou codificação de trabalhos e estudos já realizados. Na fase exploratória, realizaremos entrevistas com lideranças indígenas das aldeias, moradores, autoridades, comerciantes e turistas. Material bibliográficos, como: livros, teses, blogs, site e outras mídias sociais. Tais compromissos, revelam para nós o compromisso da qualidade da pesquisa. A partir da categoria analítica gesto decolonial, problematizaremos os modos de apresentação dos saberes e sujeitos engajados nas disputas políticas e efetiva perspectiva de convivência. Outro não menos importante o



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufRJ.com

trabalho de campo. Para a realização desse recorte empírico, utilizaremos o método etnográfico, que em diálogo com os estudos culturais e de recepção, como protótipo da pesquisa interpretativa. Por último, não menos importante, queremos assumir nosso compromisso como os princípios étnicos da pesquisa em antropologia social, considerando especificidades e a prevalência das múltiplas pesquisas teóricas-metodológicas, garantia do sigilo e segurança de dados coletados, incentivamos a diversidade dos grupos participantes. Entendemos, por tudo que foi colocado, que a presente pesquisa se alinha com este programa de pós-graduação e, de forma específica, à linha de pesquisa que busca fortalecer e ampliar a pesquisa acadêmica. O estudo aqui proposto, Tekohá Jevy, a Terra Está de Volta & Ocupação Guarani Mbya e Nhandeva/Paraty/RJ, é de suma importância para o programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, centro de desenvolvimento e irradiador de produção de conhecimento, para os povos indígenas e a sociedade civil organizada.

Cronograma:

Cronograma	Ano 1	Ano 2
Participação nas aulas e seminários	x	
Construção de corpus primário da pesquisa	x	
Catálogo e análise de material	x	x
Submissão da pesquisa ao conselho de ética		x
Pesquisa de Campo		x
Escrita Tese		x
Defesa de Tese		x



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO, QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjf.com

Referências Bibliográficas

Diário Oficial da União, (DOU) de 24 de Abril de 2017

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/144094114/dou-secao-1-24-04-2017-pg-47>

Audiência Pública reafirma direitos territórios Guarani sobre Tekpha em Paraty

<https://cimi.org.br/2021/02/audiencia-publica-reafirma-direitos-territoriais-guarani-sobre-tekoha-em-paraty-e-denuncia-desassistencia/>

Indígenas Guarani são pressionados por discursos de ódio e incitação à violência TI Je'y

<https://cimi.org.br/2020/10/indigenas-guarani-sao-pressionados-por-discursos-de-odio-e-incitacao-a-violencia-enquanto-lutam-pela-demarcacao-da-ti-je-y/>

3º Cipl Terceiro Congresso Internacional Povos Indígenas da América Latina - Trajetórias, narrativas e epistemologias plurais, desafios comuns 3 a 5 de julho de 2019, Brasília - DF, Brasil http://www.congressopovosindigenas.net/wp-content/uploads/2018/10/3cipial_4a-Circular_portugues.pdf

Fórum de Comunidades Tradicionais de angra-Paraty e Ubatuba

<https://vaiparaty.com.br/forum-de-comunidades-tradicionais-de-angra-paraty-e-ubatuba-publica-nota-sobre-situacao-da-terra-indigena-no-rio-pequeno/>

Sergio Ricardo Aldeia Tekoha-jevy- paraty

<https://diariodorio.com/sergio-ricardo-s-o-s-aldeia-tekoha-jevy-paraty/>

Dossiê sobre a situação da educação escolar das comunidades tradicionais de Paraty

http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330165/Dossie_sobre_a_situacao_da_educacao_escolar_das_comunidades_tradicionais_de_Paraty.pdf

Ludmila Moreira Lima/Representante da ABA no CEDIND-RJ;

<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/Relatorio-ABA-CEDIND.pdf>



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjf.com

Não Sou Índio Sou Guarani & A Luta Natural Contra o Estado;
<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Materias-Reinaldo/Texto-reinaldo29102019.pdf>
- Cunha, Reinaldo de Jesus

Benites, Sandra. Nhe'e, reko porã: nhemboea oexakare. Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. Monografia de conclusão de curso. UFSC, Florianópolis, 2015.

Borges, Paulo Humberto do Porto. Ymã Y: ano de mil e quinhentos. Dissertação de Mestrado. Unicamp; Campinas, SP, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252558>

DUSSEL, Enrique. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel .pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf) . Acesso em: 22 jul. 2016.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.

Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf> . Acesso em: 22 jul. 2016.

MEDEIROS, Rondinelly Gomes. Mundo Quase-Árido. **Ilha Revista de Antropologia** , v. 21, n. 1, p. 21-37, junho de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2019v21n1p21> . Acesso em: 22 jul. 2016.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HORTO BOTÂNICO. QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO.
CEP 20.940-040 – RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Homepage: www.ppgasmn-ufjf.com

MIGNOLO, Walter. Looking for the Meaning of “Decolonial Gesture”. **E-misférica** , vol. 11, n.1, 2014. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/emisferica-111-decolonial-gesture/mignolo> Acesso em: 22 out. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade** .

21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social** . In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul [livro eletrônico]. São paulo: Cortez, 2013, 1,9 Mb; epub. Vários autores.